



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10225 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E UMA NOVA POLÍTICA DE CONHECIMENTO

Adelson Dias de Oliveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

- UNIVASF

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ/CAPES/Fapesb

RESUMO: O texto discute o saber experiencial como elemento mobilizador da construção de uma política de conhecimento, para além das questões hegemônicas e que possibilita a validação da experiência formativa como agente mobilizador das práticas formativas e pedagógicas no ambiente educacional. Pensa a documentação narrativa não somente como uma prática narrativa solitária. Com o lastro da pesquisa-formação-ação, da etnografia e (auto)biografia, acreditamos que o dispositivo da documentação narrativa, constituído a partir da reflexão pedagógica, dá outros contornos e outra densidade aos processos formativos dos sujeitos, evidenciando autoria e autonomia dos saberes docentes instituídos pela indagação da experiência. Com base na análise realizada em diálogos colaborativos em rede, utilizada na pesquisa, acredito que a política do conhecimento tende a provocar uma nova configuração do poder e saber no contexto escolar e no campo educativo.

Palavras-chave: Saber; Política de conhecimento; Práticas formativas e pedagógicas.

Primeiras palavras

O trabalho foi realizado em uma escola do Ensino Médio, em território rural da cidade de Juazeiro, Bahia/Brasil, e contou com sete colaboradores para a produção de documentos narrativos pedagógicos.

O movimento de narrar para os seus pares, experiências que marcam seu percurso formativo, é o princípio básico da construção do trabalho com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Por partir dos preceitos da pesquisa-formação-ação, os sujeitos que participam do processo, na condição de narradores, têm a possibilidade de ampliar os próprios conhecimentos e refletir por intermédio de suas práticas sobre as experiências que marcam o seu percurso.

Com o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, a pesquisa ocorre num movimento contínuo de aprendizado e rompimento de paradigmas entre o pesquisador e o(a) professor(a) narrador(a) que reconstrói sua experiência pedagógica, ao narrar, escrever, comentar e reescrever. Os paradigmas passam a ser ressignificados, os padrões já não são mais os únicos caminhos que conduzem a prática pedagógica, a partir do momento em que são traçados diálogos contínuos entre os pares sobre o que se faz e poderia

fazer, como foi feito e como pode melhorar, constituindo um movimento que rompe as estruturas que distanciam o saber experiencial do saber científico, passando-se a estabelecer conversas na mesma mesa de debate.

Partindo desse princípio, a construção desses momentos foi mobilizada por etapas distintas e estratégicas, como as oficinas de escrita, o seminário teórico-metodológico, o laboratório e a clínica de edição, que compõe o movimento investigativo formativo que desencadeia a ação da documentação narrativa, em meio às bases teóricas da pesquisa-formação-ação.

Para este trabalho proponho discutir o saber experiencial como elemento mobilizador da construção de uma política de conhecimento, para além das questões hegemônicas e que possibilita a validação da experiência formativa como agente mobilizador das práticas formativas e pedagógicas no ambiente educacional.

O formar e o formar-se: saberes experienciais que geram políticas de conhecimento

Ao longo da realização desta pesquisa e do envolvimento em momentos e públicos distintos, o que pude perceber é que existe um certo receio, ao se tomar a dimensão da experiência como possibilidade de formação e produção de saber, de um conhecimento que pode ser levado a outros lugares e sujeitos.

À proporção que as narrativas eram socializadas, estavam implícitos saberes tácitos de fazeres contra-hegemônicos que balizam as discussões que circundam os fazeres constituintes do território pedagógico elaborado por estes(as) professores(as). A validação do saber experiencial ou o reconhecimento de que suas atividades pedagógicas não podem e/ou devem ficar restritas à reprodução foi um dos contornos insurgentes diante dos distintos conhecimentos que passaram a se misturar mediante o movimento de reescrita das narrativas. Acredito que este movimento também pode ser compreendido como uma contraepistemologia, vinculada à ecologia dos saberes, como menciona Sousa (2010, p. 55), “enquanto as nossas ideias nascem da dúvida e permanecem nela, as nossas crenças nascem da ausência dela”.

A configuração do conhecimento, partindo do saber pedagógico, não está vinculada ao que ocorre no interior da escola, como por exemplo, os conhecimentos curriculares e a lógica hegemônica que rege o ambiente escolar. No caso da experiência com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, somos direcionados para a perspectiva de que o docente se torne autor legítimo do saber pedagógico. Não apenas na condição de ator de uma proposta didático-pedagógica que não dialogue com os anseios dos alunos, desvinculada do contexto e numa relação colonial de conhecimento. Assim, passo a nomear, mediante a escrita e a socialização das experiências desses(as) professores(as), de reposicionamento docente no campo pedagógico.

O saber pedagógico experiencial de que estou tratando e que avança na composição de elementos mediante a prática pedagógica, em escola-anexo de comunidade rural, tem relação direta com:

Una forma de saber que refiere a lo que algunos autores denominan de ‘cultura escolar empírico práctica’ para diferenciarla da ‘cultura científico técnica’ y de la ‘cultura organizacional burocrática’ que también constituyen la cultura escolar. (SUÁREZ, 2011, p. 119)

Dessa forma, o saber pedagógico tem uma relação direta com aquilo que de fato deixa marcas no processo de ensino e aprendizagem (LARROSA, 2002). Por isso, acredito não ser possível fazê-lo sem envolver os(as) professores(as) e os alunos e responsabilizá-los no processo de produção do saber, do contrário, os relatos podem ficar nos livros, serem publicados, todavia não geram a transformação que o percurso requer.

Em decorrência destes aspectos, as experiências pedagógicas que estes(as) professores(as) vivem sinalizam para a produção de saberes outros, que estão para além do conhecimento técnico-científico apresentado e ao mesmo tempo se tornam necessários, por conta da estrutura, vigente em nosso país, que dá acesso ao ensino superior. Trata-se “de un saber que da cuenta de lo que sucede pedagógicamente en las escuelas y de lo que les sucede a sus actores cuando las transitan y hacen” (SUÁREZ, 2011, p. 120).

O que acontece pedagogicamente nas escolas está muito além da aplicação de conteúdos programáticos, de atividades repetitivas e de avaliações que se sucedem ao longo de um ano letivo. As relações subjetivas e intersubjetivas que circulam nos corredores, nas salas de aula, nos intervalos e até mesmo no transporte escolar, seja dos jovens estudantes ou dos(as) professores(as), ao realizarem o deslocamento entre suas casas e a escola, também se convertem em relação de aprendizado. O esforço teórico e experiencial que dá origem a este texto está impregnado destas relações, desejos, deslocamentos e fazeres distintos, que acontecem na escola e, principalmente, como estes sujeitos se apropriam destes acontecimentos e convertem em possibilidades para gerar conhecimento.

A imersão nos mundos pedagógicos que compõem as experiências dos(as) professores(as) de maneira individual, ao passo em que eram socializadas, escritas e reescritas por mediação das reflexões entre pares, revelavam seu modo de pensar e fazer dentro da escola. Esse movimento foi nos permitindo acesso ao espelho que cada sujeito compôs para se referir a sua trajetória profissional, aos deslocamentos realizados e nesse contexto o investimento em significá-los à sua maneira, impelido por reflexões coletivas. Na viagem em que todos estávamos imersos, fomos nos direcionando por caminhos individualmente trilhados, que, todavia, nos conduziram para o mesmo destino, as experiências pedagógicas no Ensino Médio rural.

Em nenhum momento, a intenção foi desvelar o que estava oculto nas experiências, mas trabalhar com os sentidos e significados dados pelo narrador ao próprio saber experiencial de suas práticas pedagógicas. O dispositivo da documentação narrativa de experiências pedagógicas permitiu-me provocar entre estes(as) professores(as) autores(as) o tensionamento e a reflexão crítica sobre o seu fazer, de modo a ressignificar sua prática, no sentido de transformá-la diante da sua própria leitura crítica e das intervenções dos pares. Não obstante, é possível elucidar tais questões com a seguinte problematização: “A transformação da forma como conduzia minhas aulas foi sofrendo modificações que permitiram um melhor aproveitamento sobre elas [...]” (ROJAS, 2019, p. 129).

Percebo que o professor ressignifica o seu fazer diante da narrativa construída e de uma análise que imprime sobre o que narra. O que é possível destacar é que salta uma preocupação com a qualidade reflexiva do seu texto, tendo em vista que este material irá contribuir para que outros/outras professores(as) passem a ser impelidos por si mesmos no seu fazer, instigados por esta escrita reflexiva, que denota sentidos de um saber experiencial de construção do conhecimento dentro do espaço escolar, ou seja, existe uma preocupação com a experiência escrita, pois esta circulará em sua própria “comunidade interpretativa” (SUÁREZ, 2011, p. 112).

Os conhecimentos distintos que circularam ao longo das narrativas apresentam os distintos lugares de fala em que cada professor(a) se constituiu, com suas limitações e elementos instigantes para se pensar como aquele ambiente educativo vem produzindo habilidades reflexivas e construindo saber junto aos jovens estudantes. Essa mescla de conhecimentos, ou interconhecimentos, que passou a circular durante a reflexão sobre o dispositivo de documentação narrativa de experiências pedagógicas, constitui um movimento de ruptura com o que de fato é ou não é saber.

E depois de tudo, um nova “política de conhecimento”

Imprimir uma nova política de conhecimento pressupõe o rompimento dos paradigmas que padronizam os modos de fazer que, sem dúvida, estão centrados na reconstrução e divulgação do saber pedagógico experiencial, face a uma cultura escolar estabelecida que conduz os(as) professores(as) em sua experiência educativa no interior da escola (SUÁREZ, 2011).

O desafio para a composição da experiência de documentar narrativamente uma política de conhecimento, como menciona Suárez, é um movimento que necessita de uma temporalidade, para que ganhe força e atinja o máximo de interlocutores para estas experiências, sendo capaz de conformar uma rede de professores(as) autores(as) na composição de saberes originados da experiência. O fazer circular e dar a ler os documentos narrativos é o que provoca a ruptura nas estruturas hegemônicas do conhecimento.

O que foi vivenciado com a pesquisa que dá origem a este trabalho e que sustenta a tese de que a experiência pedagógica tem centralidade na construção de conhecimentos por meio da (auto)formação, constitui-se como o elemento mobilizador desse processo, atendendo a dimensão política do dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Necessita, todavia, ser contínuo, para que essa política de conhecimento ganhe forma e passe a marcar presença nos espaços educativos e nos debates e reflexões dos docentes.

A política de conhecimento que se propõe problematizar surge a partir do processo (auto)formativo com a documentação narrativa que se configura desse lugar, do chão da escola, num movimento contínuo de diálogo permanente, que fortalece os processos formativos de docentes, tomando como referência a autoria como parte de uma “política de conhecimento” alternativa à dominante. Assim se recria, produz e reproduz, um movimento dentro da escola que promove um estatuto público e de visibilidade dos conhecimentos que ali foram construídos (SUÁREZ, 2005; 2011).

Deste ponto de vista, evidencia-se, no processo de escrita, que estes aspectos possam ser objetivados, possibilitando a construção e a reconstrução crítica do saber, pela saída do anonimato ou da prática isolada. De outra forma: sistematizar e reorganizar o conhecimento, estruturando-o em bases científicas que validam as preocupações pedagógicas dos(as) professores(as); publicar e debater as ideias e experiências que se configuram nesse constructo dos saberes e, finalmente, legitimar a autoria docente diante da comunidade escolar e acadêmico-científica. Ao passo que com o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas é possível construir novos debates e deliberações, gerando um movimento de circulação das ideias e, obviamente, promovendo o confronto dialógico e de pontos de vista.

Em linhas gerais, a política do conhecimento tende a provocar uma nova configuração do poder e saber no contexto escolar e no campo educativo. Constitui-se como um outro

movimento que pensa os processos educativos partindo do contexto em que os(as) professores(as) constroem suas práticas. Vale destacar que o movimento de documentar narrativamente as experiências do Ensino Médio rural mobilizou alguns destes princípios na direção de uma nova política de conhecimento.

A composição de uma política outra de conhecimento, que seja alternativa à existente, foi um dos eixos motrizes da vivência do dispositivo de documentação narrativa de experiências pedagógicas. O que foi narrado, escrito, reescrito, editado e publicado constitui um primeiro passo da comunidade interpretativa, de seus pares, e mesmo para aqueles que não estavam diretamente vinculados às oficinas, laboratórios e clínicas de edição pedagógica, todos avançaram na composição e proposição desta política, instaurada inicialmente pela capacidade indagativa, interpretativa e crítica. Assim, o coletivo inseriu tal política no seu modo de fazer a escola, o que, conseqüentemente, reverbera na cultura escolar vigente.

REFERÊNCIAS

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

ROJAS, Romeson. Da trilha ao oceano. In: XXXX. (Org.). **Narrar e documentar: experiências de professores no ensino médio em território rural**. Curitiba: CRV, 2019. p. 129-130.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.6 3, p. 237-280, out. 2002.

SUÁREZ, Daniel H. et al. **La documentación narrativa de experiencia pedagógica: una estrategia para la formación docente**. Buenos Aires: Ministério de la Educación, Ciencia e Tecnología; AICD, 2005.

SUÁREZ, Daniel H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. In: ALLIAUD, Andrea; SUÁREZ, Daniel H. (Orgs.). **El saber de la experiencia: narrativa, investigación y formación docente**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires; Consejo Latinoamerino de Ciencias Sociales – CLACSO, 2011. p. 93-138.